

## **CIVILIZAÇÃO CULTURALMENTE SOLIDÁRIA**

*Gisele da Silva Rezende da Rosa*

*Adriane dos Santos Silva Soltau*

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/intcov14>

Refletir e elaborar novas possibilidades sobre as medidas adotadas pelas escolas no enfrentamento da covid-19 no ano de 2020 são ações necessárias para reduzir o impacto educativo e social, e remetem a pensar uma civilização culturalmente solidária. E, são os efeitos na aprendizagem discutidos em secretarias de educação e entre professores que acabam por evidenciar que a tecnologia tem sido uma ferramenta significativa neste momento pandêmico. Uma vantagem para o contexto em que o mundo vivencia, porém, esse recurso não preconiza a personalização do professor mediador, nem do convívio social.

Desatenção, depressão, ansiedade, pânico, transtornos e síndromes, todos esses nomes que damos às dificuldades existenciais, fazem parte da existência humana. Tais condições somadas ao confinamento residencial tornam um desafio ainda maior para o professor que atende no mínimo 20 aprendizes em cada turma. A questão é que a alfabetização é uma etapa de suma importância para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas e de constituição do sujeito. Pois é no período de alfabetização e socialização que a criança se desenvolve, adquire autonomia, e aumenta sua capacidade intelectual. Nesse processo de aquisição do conhecimento, o aluno vai desenvolvendo-se de acordo com sua capacidade, mas o apoio que recebe em casa neste período pode não estar assegurando uma educação equânime, principalmente na questão do acesso aos recursos tecnológicos.

Talvez, a educação possa estar no auge de uma racionalidade técnica, resolvendo assim, problemas materiais dos homens, pelo menos de uma parte deles, no entanto, suas dificuldades existenciais, podem estar condenados a medicação. Assim, se a criança apresentar comportamentos desajustados, falta de limites, inquietação será o adulto o responsável por intervir de

modo a diminuir esse sofrimento e consequentemente a medicalização é o método imediato para aplacar essas dores dos responsáveis.

Para Carli (2016), o crescente fenômeno da medicalização é alarmante, vem aumentando a cada dia, segundo o relato de profissionais da educação. E, tratar como doença ou patologia os comportamentos desajustados configuram-se numa tendência simplificadora, produzindo efeitos negativos na construção da subjetividade da criança e de uma possível civilidade solidária.

Os limites das TICs aparecem dentro dessa conjuntura pandêmica, ao estabelecer prioridades nos conteúdos técnicos em detrimento da experiência social, ou de uma experiência alternativa. Pode ser que as possibilidades de reelaborar nossa ação, perpassasse em rever o papel da escola, no sentido de resgatar o ser humano, pois, segundo Dias (2002), há alternativas para pelo menos mitigar essa crise por meio de uma “ética global” regida por valores humanitários harmonizadores, e isso caracterizaria um novo estilo de vida. Uma educação com caráter eminentemente interdisciplinar, capaz de reunir esforços para protelar profundas mudanças, visto que a escola tem intensificado a conscientização das pessoas sobre os problemas do caráter utilitarista nas relações humanas.

## REFERÊNCIAS

CARLI, Fabíola Giacomini de. A patologização e a medicalização da infância: epistemologia subjacente e repercussões na escola. *In*: REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (ANPED Sul), XI., 24 a 27 jul. 2016, Curitiba. *Anais* [...]. Curitiba: ANPED SUL, 2016.

DIAS, Genebaldo Freire. *Pegada ecológica e sustentabilidade humana*. São Paulo: Gaia, 2002.